

«Toda a utopia da linguagem
numa prodigiosa encenação
de Ricardo Pais.»

Manuel Maria Carrilho

clar

FOTO: INES GONÇALVES

«Clamor dá-nos a ver um texto; e, sobre esse texto, ouve-se o homem que disse os sermões. Não há aqui apenas um jogo de citações e de fragmentos, mas uma encenação do que fica da História: mitos que se substituem à realidade, tragédias de que apenas fica o excesso.

António Vieira desdobra-se nas imagens por que repartiu a sua vida; e Clamor convida-nos a procurar a sombra que foge por entre essas imagens.»

Nuno Júdice

«Belo, hipnótico e comovente.»

Joaquim Leitão

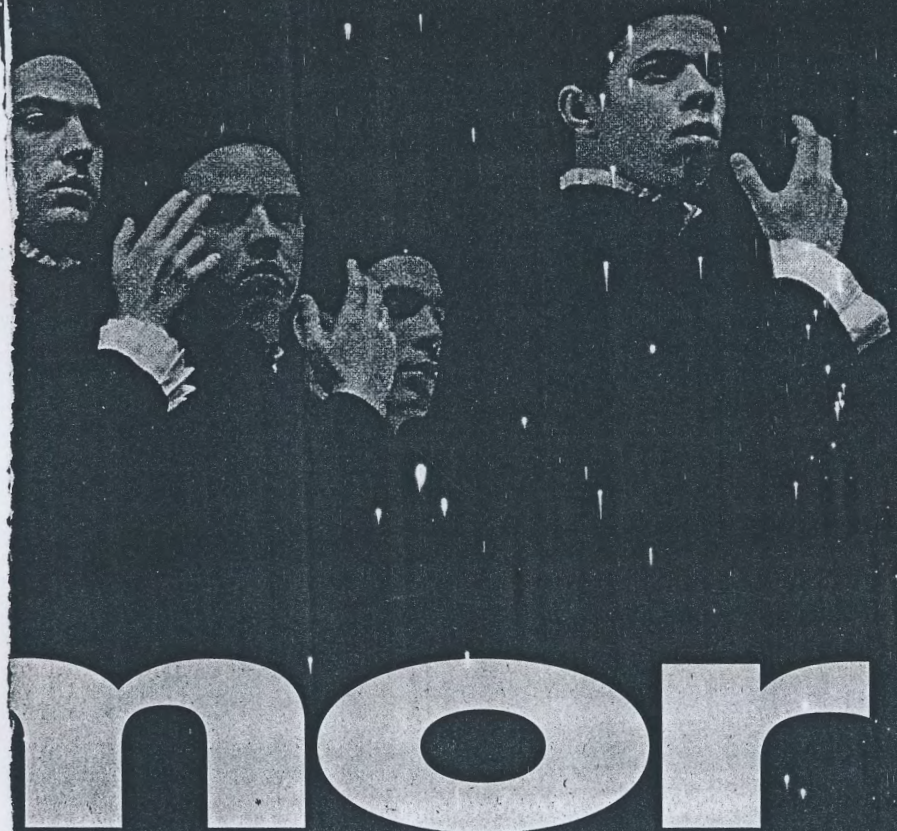
«É um espectáculo tecnicamente muito rigoroso, cenicamente muito inventivo, com um naipe de actores na sua quase totalidade muito seguros e convincentes. (...)»

A imaginação febril de Ricardo Pais, acolitado por Luísa Costa Gomes e pelo António Lagarto, só serviu o grande Padre.»

Maria João Seixas

«Uma equipa em absoluto estado de graça (...) torna desde já Clamor um dos mais fulgurantes acontecimentos desta Lisboa, em 94.»

José Afonso Furtado



clamor

«Há momentos assim, em que as palavras são tão poderosas que tudo se suspende à volta delas, e até o tempo sustém a respiração. Se não pude ser eu a escrever aquelas frases de Vieira sobre a língua dos

Se tivéssemos de encontrar uma constante na vida e na obra do Padre António Vieira, ela seria, sem dúvida, a discussão. Da acusação à polémica, da recriminação à denúncia, do debate teórico ao vendaval verbal, tudo nele é comunicativo defrontamento. Talvez por isso se chame a peça CLAMOR, para fazer justiça à natureza combativa do homem de púlpito, do diplomata, do cortesão, do político, do missionário Vieira. CLAMOR do resistente Vieira, cujas lutas principais mantêm hoje toda a sua actualidade: a favor dos Índios contra os que os massacram, a favor dos Judeus contra os que os perseguem. E é como análogo da contínua actividade do orador que a peça se constitui em «andamentos» (e não em parte ou actos), movimento fluido pontuado de três discussões maiores: o primeiro andamento mostra a expulsão dos Jesuítas do Maranhão em 1661, episódio de que foi Vieira um dos protagonistas, em consequência da oposição entre colónos e «religiões» ou congregações de Jesuítas. Trata-se de uma discussão de interesses, uma violenta contenda entre as forças do uso, da exploração mais primitiva e as forças da lei e da cristianização dos Índios do Brasil. O segundo andamento opõe Vieira à Inquisição. Acusado de judaísmo, Vieira foi submetido a longos interrogatórios e esteve encarcerado vinte e seis meses. A discussão é aqui

índios, ao menos que pudesse
tê-las dito, ao menos uma vez,
todas de seguida, todas de cor.»

Clara Pinto Correia

«*Clamor* surpreende, muito, e por vários excessos: excesso retórico na proliferação dos textos, excesso de vozes e lugares, excesso de inteligência e invenção. Quando conseguimos entrar na lógica desse excesso, o espectáculo é deslumbrante. Mas a entrada não é fácil, e talvez fosse útil favorecer os acessos.»

Eduardo Prado Coelho

«É um dos espectáculos mais
comoventes e deslumbrantes que
eu vi na minha vida».

Maria Velho da Costa

teológica; mas trata-se, de facto, de uma questão de poder e mesmo de vendetta. O terceiro andamento, num sarau da Academia Real fundada por Cristina da Suécia em Roma, opõe Vieira a outro padre Jesuíta, Girolamo Cataneo. É uma justa académica, uma sofisticada festa

em que cada uma das partes defende um tema previamente distribuído pela Rainha. Todos os textos usados são da época, desde os do colono Jorge de Sampaio no primeiro andamento, passando pelo Processo de Vieira na Inquisição, aos de Cataneo em Roma.

Em outro nível temos as grandes projecções de Vieira, as figuras com que mais se identificava: o pequeno David lutando contra todos os gigantes do poder, João-Baptista bramando no deserto contra os vícios e anunciando apocalipses, Isaías, o profeta messiânico e, por fim, quiçá indigno desta galeria mas igualmente amado de Vieira, o idiota sapateiro de Trancoso, Gonçalo Anes de Bandarra. Eles transmitirão a imagem multifacetada de Vieira, os seus textos políticos mais veementes, os textos messiânicos mais empolgantes, os textos proféticos mais enigmáticos. Eles falarão por Vieira em muitas ocasiões, como o Demónio comentará, algo cínico, outras passagens.

Luísa Costa Gomes

(...) O que parece estar em jogo neste *Clamor* de Luísa Costa Gomes, de forma estilizada e polifónica, é uma figura histórica em conflito, em três momentos não muito conhecidos da sua biografia, ao mesmo tempo que uma extraordinária maneira de falar em língua portuguesa, tão estranha hoje para nós quanto sugestiva, e ainda um mundo imaginário, que merece a atenção. Nada disto é alheio ao teatro. (...) Tal como o título acertadamente sugere, o modo oratório de dizer era o de gritar a altas vozes, com esforço atlético, dando corpo às paixões da alma e à vontade de persuadir. Vieira viveu em plena idade da eloquência, tempo em que toda a educação se centrava na disciplina da retórica – a arte de persuadir. Nessa formação do bom orador estava implicado ao mesmo tempo um ideal de homem e a vontade de adquirir o poder de influenciar, pois parece que a arte da palavra é capaz de mover as paixões

facto de o autor e encenador ser o professor de retórica. (...) Há ainda a considerar uma forma de teatralidade intrínseca aos discursos de Vieira orador, pois eles são capazes de dar a ver e fazer-nos viajar por lugares de ficção, passar por mudanças bruscas e vários registos, na ilusão de que tudo o que é evocado – autores, heróis, situações breves e até as citações – entra em cena, mexe-se, chega, e nos deixa. A multiplicidade de recursos do orador, que se esforçava por colocar os seus argumentos, *ante óculos*, era o mais das vezes de natureza teatral. O modo como o discurso eloquente instaurava a maravilha barroca passava não só pelo deleite estético, não só pela «energia» e «valentia» do discurso, como se dizia então, mas ainda pela emoção, pela agitação dos sentimentos: os *pathos*. Desde Aristóteles que dos tratados de Retórica constava obrigatoriamente a lista e a descrição morfológica dos afectos



da alma. Além das chamadas faculdades de invenção, disposição e elocução ou estilo, comuns à formação do escritor, a disciplina desportiva da retórica aperfeiçoava mais duas: a memória e a voz. Deste modo, o aprendiz de orador tratava o seu corpo como o de um actor: os movimentos dos olhos, os gestos fisionómicos, as mãos, a gama dos tons vocais. Para isso se treinava em regulares representações escolares, nos colégios jesuíticos, espécie de teatro total, com música, dança, oratória e poesia, predominantemente em latim. Tem significado o

humanos. O orador tinha de ser um perito em psicologia, a fim de conseguir mover o público: «Quando o ouvinte a cada palavra do pregador treme, quando (...) vai do sermão para casa confuso, e atónito, sem saber parte de si, então é a pregação qual convém». Esta proposta de Vieira mostra bem como, à maneira de um fármaco, a doce tirania do verbo pretendia alterar os ânimos do paciente espectador. (...)

Dentro da baleia foi o próprio Vieira que sempre se fez viajar e que aqui aportou.

Margarida Vieira Mendes



FOTOS: INÊS GONÇALVES

Co-produção
Isbo 4 Capital
Europeia da Cultura
Jórum-Dança,
Ó-Dança

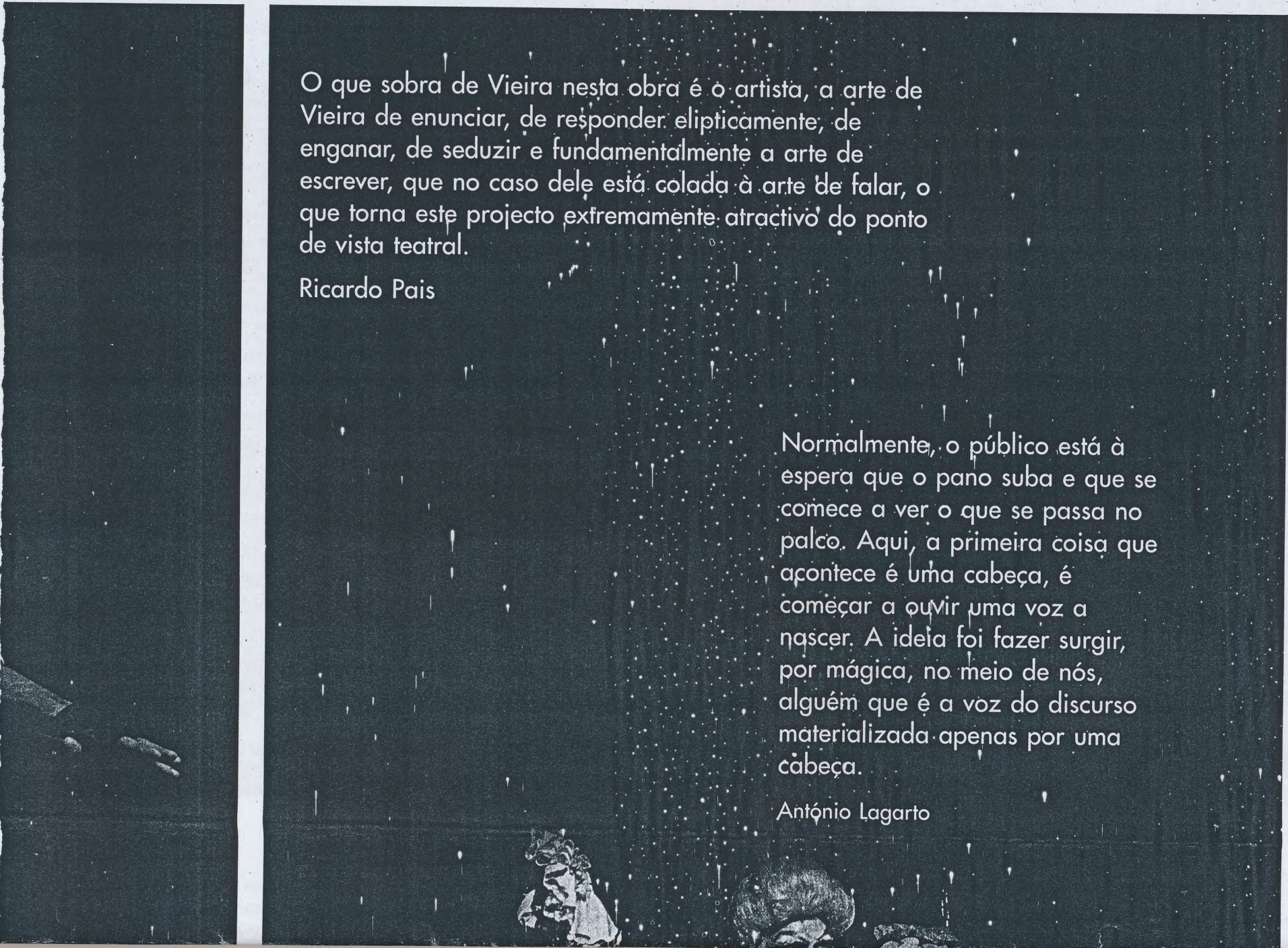
Coordenação Artística
VICISCO CAMACHO
Direção
CASTRO
CISCO CAMACHO
OTA LAGIDO

o
NA BASTO

PAULO XAVIER

Direção
JO CAMARA MANOEL
Consultadoria técnica

ds

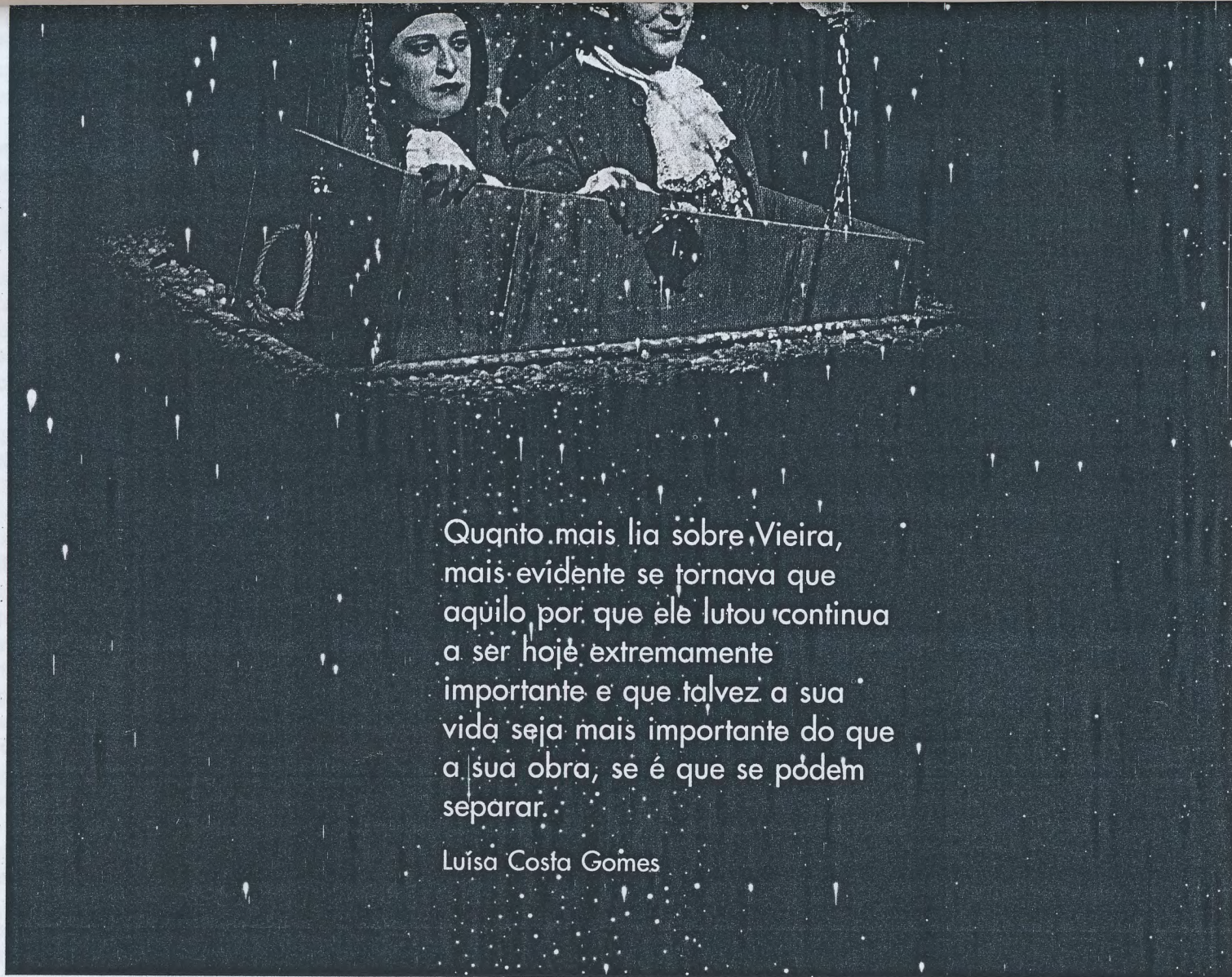
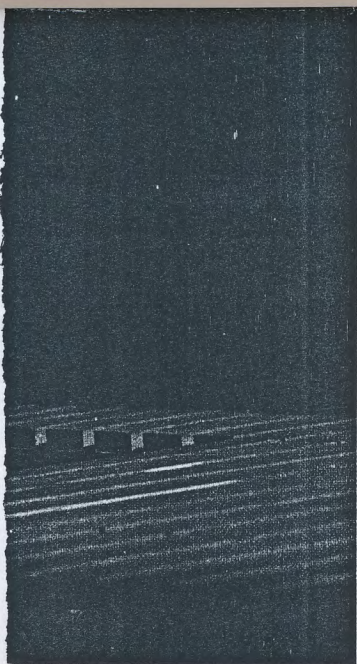


O que sobra de Vieira nesta obra é o artista, a arte de Vieira de enunciar, de responder elipticamente, de enganar, de seduzir e fundamentalmente a arte de escrever, que no caso dele está colada à arte de falar, o que torna este projecto extremamente atractivo do ponto de vista teatral.

Ricardo Pais

Normalmente, o público está à espera que o pano suba e que se comece a ver o que se passa no palco. Aqui, a primeira coisa que acontece é uma cabeça, é começar a ouvir uma voz a nascer. A ideia foi fazer surgir, por mágica, no meio de nós, alguém que é a voz do discurso materializada apenas por uma cabeça.

António Lagarto



Quanto mais lia sobre Vieira,
mais evidente se tornava que
aquilo por que ele lutou continua
a ser hoje extremamente
importante e que talvez a sua
vida seja mais importante do que
a sua obra, se é que se podem
separar.

Luísa Costa Gomes

